

FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA AFETIVIDADE, ESCUTA E INCLUSÃO: A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

Teacher Education from the Perspective of Affectivity, Listening, and Inclusion: The Teacher–Student Relationship

Wesley Batista do Nascimento¹
Wesley.nascimento@arapiraca.ufal.br.
Luciene Amaral da Silva²,
luciene.silva@arapiraca.ufal.br

Resumo: A Síndrome de Down é uma condição genética que acomete o cromossomo 21 e que causa, além de outros sintomas, deficiência intelectual no ser humano. O projeto de Lei nº 3007/2023, assegura ao estudante com esta síndrome a ser matriculado em escola regular. Nessa direção, além do ensino é necessário que a escola possa realizar a integração dessa criança no contexto escolar e dentre várias estratégias de integração tem a recreação. Sendo assim, o artigo é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola municipal de educação básica, com o objetivo de analisar como uma criança com Síndrome de Down é integrada na escola a partir de atividades recreativas durante o recreio escolar. A metodologia utilizada para a execução dos objetivos foi o estudo de caso. Os resultados mostram que para ter integração é necessário a participação de todos os envolvidos, tanto os colegas da sala de aula, quanto os colegas da escola, visto que o recreio é um espaço em que todos os estudantes estão reunidos no mesmo espaço e ao mesmo tempo. E foi visto que, para cada criança precisa ter um plano de recreação individualizado para ver suas limitações e potencialidades para poder fazer a adequação dos brinquedos e das brincadeiras ao público necessário. A integração de uma criança com Síndrome de Down na escola requer planejamento e apoio coletivo para garantir segurança e inclusão em atividades recreativas. As adaptações e a colaboração entre colegas e profissionais são essenciais para o desenvolvimento social e motor da criança, promovendo a empatia e a compreensão que são necessárias para a validação da recreação.

Palavras-chave: Síndrome de Down; Recreação; Integração; Contexto Escolar.

Abstract: Down syndrome is a genetic condition that affects chromosome 21 and causes, among other symptoms, intellectual disability in humans. Bill No. 3007/2023 ensures that students with this syndrome are enrolled in regular schools. In this context, beyond teaching, it is essential that schools promote the integration of these children into the school environment, and among several integration strategies, recreation plays a key role. Therefore, this article results from a study conducted in a municipal elementary school, aiming to analyze how a child with Down syndrome is integrated into the school through recreational activities during school recess. The methodology adopted to achieve the objectives was the case study approach. The results indicate that integration requires the participation of all those involved, including classmates and peers from other classes, since recess is a space where all students gather at the same time and place. It was also observed that each child needs an individualized recreation plan to consider their limitations and potentialities, allowing the adaptation of toys and games to their specific needs. The integration of a child with Down syndrome in school requires careful planning and collective support to ensure safety and inclusion in recreational activities. Adaptations and collaboration among peers and professionals are essential for the child's social and motor development, fostering empathy and understanding necessary for meaningful recreation.

Keywords: Down syndrome; Recreation; Integration; School Context.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down é uma condição gerada através de uma alteração cromossômica no cromossomo 21 (Silva; Sousa; Silva, 2020). Síndrome de Down, segundo alguns autores, pode ser caracterizada também como uma cromossomopatia, diante do desequilíbrio gerado na constituição cromossômica diante da presença de um cromossomo acrescentado

no par 21, sendo a síndrome de Down uma das anomalias mais conhecidas diante de todas as síndromes (Diegues *et al.*, 2018).

As pessoas com Síndrome de Down compartilham algumas características semelhantes que podem ser observadas a partir de seu nascimento (Diegues *et al.*, 2018). geralmente possuem, rosto achatado, cabelos lisos, olhos ligeiramente puxados, nariz pequeno, curto e achatado, orelhas pequenas e irregulares. Suas mãos frequentemente apresentam dedos grossos e curtos, pés planos e um espaço consideravelmente grande entre o dedo polegar e o indicador. Além disso, podem ter tórax afunilado, pescoço curto e largo, e baixa estatura. (SANTOS; SILVA, 2023)

O papel da família é de grande importância, porque será através dela que surgirão as primeiras influências e determinará algumas características individuais ao longo da vida, dessa forma a família também assume um papel importante auxiliando no desenvolvimento emocional, linguístico, cognitivo e social (Andrade, 2015). As pessoas com Síndrome de Down nascem com algumas fragilidades e muitas delas podem apresentar incidências relacionadas a problemas de saúde (Faria 2015), como doenças infecciosas, aumento da ingestão nutricional, convulsão, deficiência visual, déficits audiológicos, etc. (Silva; Sousa; Silva, 2020).

No estatuto da pessoa com deficiência no Artigo 4º assegura que todas as crianças as pessoas que apresentam síndrome de Down a, tenha total direito à educação, principalmente em escolas que sejam inclusivas como também em todos os níveis de ensino ofertado por ela, cujo objetivo é que cada um desenvolva ao máximo suas características, respeitando sua limitação (Brasil, 2015).

o Projeto de Lei (PL) 3007/2023 visa garantir aos estudantes com Síndrome de Down que tenham o direito de se matricular em escolas regulares quanto em escolas da educação especial, assegurando que esses estudantes terão a oportunidade de frequentar uma escola regular durante o horário regular de aulas e, adicionalmente, receber assistência e suporte específicos em uma escola especializada no contraturno, assim adequando às suas necessidades educacionais e inclusiva.

A escola em seu papel de inclusão deve introduzir o estudante com Síndrome de Down em suas atividades através de interações com os demais estudantes, a inclusão não deve estar relacionada apenas a sala de aula, mas também à comunidade escolar. A escola, por vez, precisa estar preparada para garantir e assegurar as devidas condições e acessos às atividades propostas no plano curricular. Dessa forma, o plano da escola deve ser adaptado para adequar em

suas atividades e assim, melhor atender às suas respectivas e necessidades individuais, diante dos demais (Alves, 2018).

As atividades recreativas para crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), devem ocorrer da mesma maneira das crianças típicas, a única alteração será as adaptações necessárias e nos cuidados diante de cada caso específico (Santos, 2004). A recreação inclusiva é necessária, principalmente para se relacionar e interagir com as mais variadas personalidades e diferenças, onde acaba proporcionando às pessoas que apresentam a síndrome de Downs e não portadores oportunidades de vivenciar experiências e interações sociais (Massafera Júnior *et al.*, 2020).

A recreação deve ser vista como ferramenta que ajuda no processo de inclusão para a garantia do ensino e aprendizagem, promovendo a integração coletiva e o desenvolvimento das inteligências múltiplas no ambiente escolar (Gardner, 1995). É importante também identificar quais recreações podem dificultar a inclusão, entender os desafios enfrentados pelos professores ao realizar essas atividades e analisar como estão utilizando técnicas recreativas para promover a inclusão no ensino e aprendizagem (Santos, 2017).

Integração é o processo de incluir a criança com deficiência, transtorno e outros, no convívio cotidiano com outras crianças,

membros de sua família e a comunidade (Franco, 2019). As adaptações realizadas para essa integração têm como objetivo garantir que o ambiente em que a criança está inserida não se torne uma limitação, um obstáculo ou uma fonte de perigo para ela (Franco, 2019). A ideia de incluir as pessoas com deficiência, transtorno e outros, na educação e na sociedade se tornou a principal diretriz para melhorar a educação especial em todo o mundo (Sampaio; Sampaio, 2009).

O conceito de integração diz respeito ao suporte individual oferecido às crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), permitindo sua participação em programas escolares que são existentes sem modificações. Por outro lado, a inclusão refere-se ao compromisso da escola em receber todas as crianças, e as adaptações necessárias para atender adequadamente à diversidade dos estudantes (Gomes, 2019).

Nessa direção, a pesquisa buscou analisar como acontece a integração de uma criança com Síndrome de Down a partir da recreação no recreio escolar. Sendo utilizado a abordagem qualitativa para a realização do estudo de caso, em que os resultados mostram que para ter integração é necessário a participação de os envolvidos, tanto os colegas da sala de aula, quanto os colegas da escola, visto que o recreio é um espaço em que todos os estudantes estão reunidos no mesmo espaço e ao mesmo tempo. E foi visto

que, para cada criança precisa ter um plano de recreação individualizado para ver suas limitações e potencialidades para poder fazer a adequação dos brinquedos e das brincadeiras ao público necessário.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Tipo de Pesquisa

Com o objetivo de analisar como uma criança com Síndrome de Down é integrada na escola a partir de atividades recreativas durante o recreio escolar, a pesquisa se utilizou da abordagem qualitativa, a partir do estudo de caso, que busca um estudo exaustivo, profundo e extenso de poucas unidades empíricas, mostrando a relevância do conhecimento amplo e detalhado do objeto de estudo. O estudo de caso é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos. (Yin, 2001 *apud* Gil, 2002, p. 54).

2.2 Participantes da pesquisa

A aluna participante deste estudo é uma criança do sexo feminino, entre 5 e 7 anos de idade, com síndrome de Down, aluna matriculada em uma escola pertencente a rede pública municipal. A escolha da criança foi feita diante de ser a única aluna que tenha

Down na escola e com base em critérios de inclusão interação no recreio escolar.

2.3 Procedimentos

Antes de dar início a integração da aluna no período de recreação, foi feita uma coleta de dados com a professora e a auxiliar, onde de início foi feito uma conversa com os envolvidos e após a conversa foi aplicado um questionário diagnóstico visando assim levantar algumas características, referente às necessidades e condições físicas da criança, assim como a limitação em questão da saúde apresentada pela mesma e juntamente com a observação direta de sua interação com as demais crianças no recreio escolar.

Em seguida, durante os momentos de recreação foram realizadas atividades lúdicas em forma de obstáculos, pular corda, brincadeira das cadeiras, como também momento de dança, proposta pelo recreador pesquisador, buscando investigar como ela se comportava e como acontecia a comparação visando o avanço entre os períodos de observação como também analisar a coordenação motora da criança.

O recreio escolar acontecia entre nove e nove vinte da manhã (09/9:20), onde a criança era acompanhada por sua auxiliar e pelo recreador durante o recreio, para que ela fosse introduzida as outras crianças dava-se o tempo de a mesma realizar sua alimentação e em seguida era levada para o pátio escolar

para que ficasse com as demais crianças.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que acontecesse a integração da criança durante o recreio escolar, fez-se necessário realizar algumas adaptações nas atividades propostas durante o período de recreação para melhor atender as necessidades da criança, visando suas condições físicas e para facilitar a sua integração nos momentos de recreação, como redução no tamanho dos desafios em forma de obstáculos, onde foram utilizados cones, bambolês, canos, garrafas pet, corda, a atenção maior ao deixá-la participar da brincadeira de pular a corda onde o recreador e as demais crianças auxiliava para que pudesse girar, durante o momento que a mesma queria pular corda, sempre era auxiliada pelas crianças presentes no momento e de forma lenta, fazia com o que ela conseguisse pular a corda. e ao correr ao brincar de corrida, como também nas brincadeiras onde o intuito era de levar objetos (tampas, ábaco, bambolês) para serem depositados nos cones, para realizações de atividades onde tinha agilidade.

De início foi possível observar que houve uma dificuldade em integrar a criança devido a quantidade de estudantes presentes no recreio escolar uma média de 60 alunos, assim foi feita uma leve conversa com os demais estudantes presentes e frisando as

condições da criança como problema cardíaco, coordenação motora como também a atenção ao praticar devidas brincadeiras durante o recreio. Foi possível observar a sensibilidade e cuidado dos demais no momento de auxiliar nas atividades ao decorrer de todo o processo e de auxiliar a mesma durante a realização das dinâmicas e sendo atenciosos e prestativos durante a realização das atividades.

Durante os momentos de recreação foi visto que as adaptações e a integração foram significativas, onde a desenvoltura da criança e a confiança ao participar das atividades proposta tiveram significado para ela, tornando perceptível quando a mesma passava pelos obstáculos, melhorando a coordenação motora nas atividades onde ela praticava em conjunto, podendo ser realizada a prática com várias repetições para que a mesma pudesse fixar a brincadeira.

Principalmente na questão da socialização com as demais crianças, a deixando mais à vontade para participar e estar em conjunto, como também das outras crianças buscando a interação e a presença dela nas brincadeiras e sensibilidade e cuidado durante todo o processo.

Assim só irá acontecer a integração, seja ela com uma criança atípica ou típica se houver um trabalho conjunto ao núcleo escolar, auxiliando assim da melhor forma durante o processo de integração da criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir que a integração de uma criança com síndrome de down no ambiente escolar, especialmente durante o momento de recreio, é um processo que exige planejamento, atenção, sensibilidade e colaboração de toda a comunidade escolar.

As adaptações nas atividades recreativas, bem como apoio dos colegas e dos profissionais da escola foram essenciais para que a criança envolvida pudesse sentir-se acolhida e pudesse participar da recreação de forma segura e inclusiva.

Esse esforço conjunto contribui não apenas para o desenvolvimento da criança, mas também para o fortalecimento de laços de empatia, respeito e cooperação entre os estudantes, elementos fundamentais para a formação de uma escola verdadeiramente inclusiva

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carla Araújo. **Educação inclusiva: a inclusão da criança com síndrome de Down na educação infantil**. 2018. 26 f. TCC (Graduação em Pedagogia) — Faculdade Anhanguera, Valparaíso de Goiás, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ANDRADE, Fernanda Maria Ribeiro Ramos de. **O luto do filho idealizado: pais da criança com síndrome de Down**. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — ISPA, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 3007, de 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br>. Acesso em: 19 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 19 mar. 2024.

DIEGUES, Débora; SOUZA-SILVA, João Roberto de; CARVALHO, Sueli Galego de; FIAMENGHI JÚNIOR, Geraldo Antônio; BLASCOVI-ASSIS, Silvana Maria. O modelo lúdico em crianças com síndrome de Down. **Psicologia Revista**, v. 27, n. 1, p. 151–, 26 jul. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/otima/OneDrive>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FARIA, Marina Dias de. **A eterna criança e as barreiras do ter: consumo de pessoas**

com síndrome de Down e suas famílias.

2015. 360 f. Tese (Doutorado em Administração) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FRANCO, Vítor. **Educação inclusiva: concepções e práticas.** Évora: Universidade de Évora, [s. d.]. 147 p. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7..> Acesso em: 20 mar. 2024.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GATTI, Bernardete Angelina et al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação.** Brasília, DF: UNESCO, 2019. 351 p. Disponível em: https://www.fcc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_ProfessoresDoBrasil.pdf. Acesso em: 12 fev. 2026.

GOMES, Joana Raquel Costa. **Educação inclusiva ou integração de crianças com necessidades educativas especiais: um estudo numa sala de jardim de infância.** 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MASSAFERA JUNIOR, João Batista; HOLDEFER, Carlos Alberto. A recreação inserida nas aulas de educação física no ensino fundamental. **Educação Física: Cultura Corporal do Movimento**, [s. l.], v. 9, n. 7, p. 6–11, 22 fev. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/otima/Downloads/lhilgemberg>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SAMPAIO, Cristiane T.; SAMPAIO, Sônia Maria R. **Educação inclusiva: o professor mediando para a vida.** Salvador: EDUFBA, 2009. 162 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/3hs/pdf/sampaio-9788523209155.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, Ana Paula de Oliveira; SILVA, Fernanda Gonçalves da. Importância do conhecimento acerca das condutas, cuidados e prevenção no tratamento odontológico em pacientes com síndrome de Down: uma revisão de literatura. **Scientia Generalis**, v. 4, n. 2, p. 249–270, 18 out. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22289/sg.v4n2a21>. Disponível em: <https://www.scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/506>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SANTOS, Denise Guerra dos. **A recreação na educação especial infantil com o**

portador de síndrome de Down:

contextualizando o desenvolvimento

psicomotor. 2004. 92 f. TCC (Graduação em Educação Física) — Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SANTOS, Sandra Lyra dos. **Atividades**

recreativas de inclusão no ensino

fundamental: anos iniciais da educação

formal. 2017. 43 f. TCC (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SILVA, Rafael Soares; SOUSA, Marciana Vieira de; SILVA, Izabel Rodrigues da. Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down na educação infantil. **Revista Amor Mundi**, v. 1, n. 3, p. 35–46, 30 dez. 2020.

Disponível em: <file:///C:/Users/otima/OneDrive>. Acesso em: 11 mar. 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:**

planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.